

A CIBERPESQUISA-FORMAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PESQUISADORES E PROFESSORES DE INGLÊS

Jones de Sousa¹

Edmea Oliveira dos Santos²

RESUMO: A circulação de mais de setenta por cento de toda a produção científica mundial é feita em língua inglesa, o que a confere o status de língua franca da ciência. No Brasil, o domínio da Língua Inglesa é necessário para a internacionalização das produções acadêmicas nacionais e das próprias instituições de ensino. O presente artigo tem por objetivo justificar o emprego da Ciberpesquisa-formação como método de pesquisa fomentando a formação concomitante de docentes de língua inglesa e de pesquisadores através da criação de um dispositivo de pesquisa e formação co-criado com a finalidade de promover o Letramento Acadêmico em Língua Inglesa para pesquisadores de um grupo de pesquisa de uma universidade federal brasileira. O desenho didático do dispositivo e a escolha metodológica pretendem inspirar outros docentes pesquisadores a refletir suas próprias práticas criando estratégias únicas diante dos seus dilemas docentes.

Palavras-chave: Educação, Docência, Cibercultura.

CYBER-RESEARCH-TRAINING IN THE TRAINING OF RESEARCHERS AND ENGLISH TEACHERS

ABSTRACT: More than seventy percent of the world's scientific production circulates in English, granting it the status of the lingua franca of science. In Brazil, proficiency in the English language is essential for the internationalization of national academic productions and educational institutions themselves. This article aims to justify the use of Cyber-research-training as a research method, fostering the simultaneous training of English language teachers and researchers through the creation of a research and training device co-created to promote Academic Literacy in English for researchers in a research group at a Brazilian federal university. The didactic design of the device and the methodological choice intend to inspire other teacher-researchers to reflect on their own practices, creating unique strategies in the face of their teaching dilemmas.

Keywords: Education, Teaching, Ciberculture.

Introdução

A partir da segunda metade do século XX, a Língua Inglesa suplantou o Alemão e o Francês na condição de língua franca da ciência, com mais de setenta por cento da circulação científica mundial em inglês. Por essa razão, a demanda pelo domínio do idioma no meio

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professor de Língua Inglesa na SEEDUC/RJ e Secretário Executivo na UFRRJ. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5427-5785> E-mail: jonesdesousa@hotmail.com.

² Professora Titular-Livre da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atua no Instituto de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4978-9818>. E-mail: edmeabaiana@gmail.com.

acadêmico vem crescendo entre os pesquisadores brasileiros, uma vez que sua falta pode constituir um entrave para a internacionalização não só das produções acadêmicas produzidas no país como também das próprias instituições de ensino.

Os programas de pós-graduação *stricto sensu*, via de regra, exigem que seus ingressantes comprovem a proficiência em Língua Inglesa para o ingresso em seus programas. Porém, o que se convencionara chamar de “Inglês Instrumental” e restringia-se à habilidade de ler textos mostra-se cada vez mais subdimensionado às demandas reais dos pesquisadores.

Graças ao grande mercado editorial brasileiro que viabiliza o acesso em língua portuguesa a importantes obras internacionais, principalmente no campo da Educação, grande área dos participantes deste estudo, é possível que pesquisadores brasileiros concluam seus estudos sem a necessidade de ler obras originais em inglês.

Apesar de o fluxo de artigos em periódicos internacionais, por exemplo, não contar com este mercado de tradução, interfaces digitais conseguem traduzir textos curtos com certa acurácia, o que permite, ainda, que a tal proficiência em leitura em língua inglesa continue sendo negligenciada por alguns pesquisadores.

Escrever em Inglês é uma tarefa tão difícil quanto a leitura pelos mesmos motivos. Tanto se considerarmos o excelente mercado de tradução profissional quanto se observarmos a permanente evolução das interfaces digitais que podem ser utilizadas para este fim.

Mesmo antes da pandemia de COVID-19, que impôs medidas de isolamento físico para mitigar a velocidade de transmissão do corona vírus, a ocorrência de eventos científicos online já era uma realidade que se intensificou exponencialmente em decorrência da pandemia.

Assim, sem a necessidade de estar *in loco* em eventos científicos internacionais, a participação em tais eventos tornou-se muito mais acessível, porém, demandando mais habilidades em Inglês como *listening* (audição) e *speaking* (fala) a fim de viabilizar aos pesquisadores recursos para a apresentação de trabalhos e a troca de experiências entre pares nas comunidades científicas internacionais.

A partir dessa necessidade, um renomado grupo de pesquisa de uma universidade federal, que já atua em seu próprio processo de internacionalização, compartilhando com o mundo o conhecimento produzido por seus egressos a partir de publicações, intercâmbios e participações em eventos internacionais, percebeu que o letramento em língua inglesa é parte imprescindível da formação de seus integrantes desde a iniciação científica até os parceiros de pesquisa de outras redes em nível de pós-doutoramento.

E como toda pesquisa-formação nasce de um dilema, este posto, os pesquisadores do grupo de pesquisa, liderados por um doutorando em educação e professor de idiomas na educação básica, resolveram cocriar um dispositivo de pesquisa e formação com o objetivo de fomentar o Letramento Acadêmico em Inglês para os seus integrantes.

Das várias camadas de um estudo dessa magnitude, a formação dos mediadores envolvidos neste processo é objeto específico deste artigo, que busca justificar a escolha metodológica pela Ciberpesquisa-Formação (SANTOS, 2005, 2014, 2019) para refletir sobre a prática docente uma vez que “não há pesquisa-formação desarticulada do contexto da docência” (SANTOS, 2019, p. 20)

Após esta primeira seção introdutória, seguiremos para a próxima seção intitulada “Método para produzir junto”, na qual discorreremos sobre a metodologia escolhida. A seguir, na seção “Um campo pra chamar de nosso”, pormenorizaremos o dispositivo de pesquisa e formação. Finalmente, apresentaremos a seção “Conclusão”, na qual apontaremos (des)caminhos para a formação de professores.

Método para produzir junto

Desde 2005, a metodologia de pesquisa intitulada “Pesquisa-Formação na Cibercultura”, que constituía na contribuição original da tese de doutorado de Edméa Oliveira dos Santos vem sendo atualizada por ela mesmo e por seu Grupo de pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC).

Alicerçada em quatro epistemologias fundantes, a Ciberpesquisa-Formação (como atualmente é denominada) consiste numa metodologia de pesquisa participante e qualitativa na qual a docência não se aparta da pesquisa com o pesquisador formando e se formando concomitantemente.

A multirreferencialidade, os estudos nos/dos/com os cotidianos e a complexidade compõem com a cibercultura a base epistemológica desta metodologia tão necessária para que educadores, independentemente da rede educativa que façam parte, possam compreender a sua prática formando-se com ela.

Quanto à prática da Ciberpesquisa-Formação, podemos afirmar que o seu cerne repousa na cocriação de um dispositivo, que no conceito empregado nesta pesquisa, trata-se de “uma organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto” (Ardoino, 2003, p. 90 *apud* Santos, 2014) ou ainda, como fora

recentemente atualizado por Edméa Santos durante a *live* **Formação de professores e pesquisadores no contexto da pandemia: possibilidades e limites**, como o conjunto de “inteligências pedagógicas materializadas em atos de currículos mediados por tecnologias em rede, nas relações interativas online e na interface cidade-ciberespaço, constituindo autorias, na pesquisa-formação” (COMUNIDADE FEUFF, 2020).

A partir dos dados produzidos no contexto de um dispositivo, são realizadas as análises que culminam nos achados de pesquisa, intitulados neste método de noções subsunçoras, ou seja, “as categorias analíticas, frutos da análise e interpretação dialógica entre empiria e teoria num processo de aprendizagem significativa” (SANTOS, 2019, p. 124).

Um campo para chamar de nosso

Neste estudo específico, fora criado um dispositivo de pesquisa e formação que tinha por objetivo a promoção do letramento acadêmico em Inglês de pesquisadores de uma universidade federal brasileira. A materialização da mediação pelas tecnologias em rede se dá através do uso das interfaces, que é como chamaremos os programas ou aplicativos empregados no seu desenho didático.

O contexto em que o mesmo fora forjado é imprescindível para justificar as suas escolhas, pois toda a produção dos dados ocorreu em 2021, ano no qual todas as atividades presenciais administrativas ou acadêmicas foram suspensas no âmbito da universidade onde ocorreria o estudo como parte integrante das medidas adotadas para diminuir a circulação de pessoas e, conseqüentemente, o ritmo de contágio do corona vírus.

Assim, aos praticantes culturais, como denominamos os participantes da pesquisa, somente era possível, então, a interação no ciberespaço, que no final do século XX fora conceituado como um “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores” (LÉVY, 1999, p. 17) e hoje, atualizado como “a internet habitada por seres humanos, que produzem, se autorizam e constituem comunidades e redes sociais por e com as mediações das tecnologias digitais em rede” (SANTOS, 2019, p. 30).

Essa noção da indissociabilidade da cidade e do ciberespaço que foi percebida a duras penas durante a pandemia de COVID-19 já fora teorizada por Santos (2019) e outros autores. Lucia Santaella, por exemplo, reitera que “é preciso reconhecer que o ciberespaço está tomando conta de todo o espaço que ocupamos, a ponto de não nos darmos mais conta de quando ou onde entramos nele ou saímos dele” (SANTAELLA, 2021, p. 14).

Diante do exposto, finalmente, descreveremos o nosso campo de pesquisa. As interfaces escolhidas para compor o nosso dispositivo de pesquisa e formação foram o aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp* e a interface de vídeo conferência denominada “Conferência Web RNP”.

Enquanto a última consiste num sistema de conferência web de código aberto para a aprendizagem online chamado *Big Blue Button*, que permite interação em tempo real entre os praticantes, ou seja, atividades síncronas, o *WhatsApp* é responsável pelas atividades assíncronas, ou seja, que não necessariamente precisam ser respondidas em tempo real.

Reiterando o fato de que na Ciberpesquisa-Formação a docência não se aparta da pesquisa e todos formam e se formam juntos, os praticantes culturais deste estudo são pesquisadores de um grupo de pesquisa de uma universidade federal brasileira, num total de vinte participantes divididos entre os que mantinham vínculo formal com a instituição e os que mantinham vínculo somente com o grupo de pesquisa. O doutorando responsável pelo registro da pesquisa e outras duas bolsistas de iniciação científica possuíam ambos os vínculos e foram responsáveis pela mediação do dispositivo, o que consiste na prática docente a ser analisada no ponto de vista da formação de professores.

O rigor científico nos obriga a apresentar o famoso aplicativo que ainda lidera o ranking como o aplicativo mais popular em smartphones brasileiros, de acordo com a pesquisa *Panorama Mobile Time/Opinion Box* de junho de 2022, que investigou o uso de aplicativos no país, o *WhatsApp*, que tivera o seu nome criado a partir de um trocadilho com a saudação em Inglês *What's up?* (E aí?) por seus fundadores Brian Acton e Jan Koum em 2009 e, apesar da incorporação do *app* aos negócios do empresário Mark Zuckerberg em 2014 por dezesseis bilhões de dólares, o nome *WhatsApp* não foi alterado.

Depois desse breve histórico, cabe-nos a descrição das funcionalidades desse aplicativo, que permite o compartilhamento instantâneo de mensagens de texto e áudio, além de arquivos de imagens e vídeos e em diversos outros formatos.

Ainda é possível realizar chamadas de voz ou vídeo sem custo pelo aplicativo desde que os usuários estejam conectados a uma rede de internet. A gratuidade desses serviços aliada à recorrência da oferta de planos de dados que disponibilizam o uso do *WhatsApp* de forma ilimitada na franquia contratada por diferentes operadoras de telefonia pode ajudar a explicar a preferência nacional pelo aplicativo.

Criar um grupo no *WhatsApp* consiste em agrupar a si mesmo e pelo menos mais um contato da sua agenda também conectado ao aplicativo, uma vez que há vinculação de um

número de telefone à sua conta no *app*. A partir de então, é possível atribuir um nome ao grupo e designar uma imagem como descrição do mesmo. Durante o ano de 2021, recorte temporal dessa pesquisa, era possível adicionar mais participantes a um grupo com um limite de 256 usuários.

Quem cria o grupo assume a função de administrá-lo e fica a seu critério as primeiras configurações do mesmo, como conferir ou não a possibilidade de que todos os participantes possam editar os dados do grupo (nome, imagem, descrição e mensagens temporárias); conferir ou não a outros participantes o status de administrador, bem como removê-los da função e ainda autorizar que todos os participantes possam enviar mensagens ou que seja uma prerrogativa somente dos seus administradores.

Importante salientar que além da versão *app*, o *WhatsApp* também possui uma versão para computadores chamada de *WhatsApp Web* que, apesar de não conter todas as funcionalidades da versão móvel, atende perfeitamente, principalmente no que se refere ao uso dos grupos.

Então, podemos finalmente informar que para o dispositivo de pesquisa e formação proposto, foram criados dois grupos: o primeiro com todos os praticantes culturais da pesquisa, e um segundo, apenas com os mediadores: o doutorando e as duas bolsistas de iniciação científica. Ambos tiveram as configurações iniciais engendradas a fim de permitir a todos os participantes que pudessem enviar livremente as mensagens e editar os dados do grupo.

A informalidade e o uso natural do aplicativo permitiam uma horizontalidade necessária na relação entre todos os participantes desse acordo inicial do nosso grupo de pesquisa que consistia em estudar juntos esse idioma tão necessário para entrar em contato com o conhecimento científico produzido no mundo todo e também para divulgar as nossas produções.

Se as funcionalidades do *WhatsApp* podem ser consideradas algo trivial, as possibilidades da interface de videoconferência merecem uma atenção especial. Primeiramente, vamos justificar a sua escolha. A sigla RNP se refere à Rede Nacional de Ensino e Pesquisa que, desde 1989, fomenta a circulação do conhecimento científico nacional em rede. São muitos os serviços prestados às instituições conveniadas à RNP, principalmente no que tange ao próprio acesso à internet, conectando universidades, institutos educacionais e culturais, agências de pesquisa, hospitais de ensino, parques e polos tecnológicos.

A opção política de utilizar o seu serviço de videoconferência é o de valorizar a disponibilidade de plataformas institucionais com o máximo de segurança e possibilidade de interação com outras interfaces para educação online oficialmente disponíveis.

A seguir, um breve resumo das principais funcionalidades da referida interface empregadas durante os encontros síncronos:

Quadro 1 – Funcionalidades da interface “Conferência Web RNP”

Funcionalidade	Síntese Explicativa
Conferência	Permite a comunicação, em tempo real, através do uso de áudio e vídeo entre os seus participantes.
Apresentação de arquivos	Permite a exibição de arquivos em diferentes formatos, com melhor desempenho para aqueles em formato PDF (formato de documento portátil).
Enquete	Permite perguntar simultaneamente a todos os participantes com respostas pré-determinadas (múltipla escolha) e exibir seus resultados para todos os participantes.
Bate-papo	Permite a comunicação, em tempo real, através do uso de texto entre os seus participantes.
Notas compartilhadas	Permite a elaboração e edição de textos, em tempo real, entre os seus participantes.
Compartilhamento de vídeo externo	Permite o compartilhamento de vídeos através do uso de link externo (vídeos do youtube, por exemplo).

Fonte: Autoria própria (2021).

Graças a tais funcionalidades, era possível que as quatro habilidades da Língua Inglesa pudessem ser trabalhadas. Inicialmente, os textos e suas leituras protagonizavam as ações. Porém, a experiência hipermediática que a internet permite sempre foi mobilizada para acionar o conhecimento de mundo dos praticantes culturais envolvidos. Desde a exibição de comerciais de TV, passando pelos atuais *memes* até os tradicionais trechos de séries e filmes e músicas foram acionados para oportunizar um contexto de imersão na língua inglesa, mesmo que breve, durante os encontros síncronos.

Às aulas expositivas com a apresentação de diversas mídias foram adicionadas a participação dos praticantes culturais para além da interação falada. Ativou-se o uso de funcionalidades disponíveis na interface como a realização de enquetes e a redação colaborativa na funcionalidade intitulada "Notas Compartilhadas", a qual permite a edição de um documento produzido coletivamente na modalidade escrita por todos os presentes na conferência. Para os

mediadores da ação, “pilotar” a interface constitui um letramento digital imprescindível para conferir dinamismo aos encontros síncronos.

Com as tecnologias referentes ao digital em rede devidamente apresentadas, temos a seguinte configuração do dispositivo de pesquisa e formação:



Fig. 1.

Todos os praticantes integravam o grupo geral, ao passo que apenas os mediadores integravam o grupo GPDQC STAFF. Na Conferência Web RNP ocorriam os encontros síncronos às quartas-feiras, às quinze horas, constituindo a culminância do que fora coconstruído nos grupos durante toda a semana.

Rapidamente, buscaremos um breve histórico sobre as noções de letramento que culminarão na conceituação de letramento acadêmico em Inglês que a nossa ciberpesquisa-formação busca promover entre os seus praticantes culturais sem prejuízo de letramentos outros que se fizerem necessários emergentes do campo de pesquisa. Primeiramente, recorreremos a Magda Soares, que define letramento como “o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apoiado na escrita” (SOARES, 2019, p. 18).

Essa definição apoia-se justamente na origem etimológica da palavra que levou ao Português Europeu a empregar o termo “literacia” quase como a Língua Inglesa o faz com *literacy*. Do latim *littera* (*letra*) e com o sufixo *-cy* (que denota qualidade). Em Português Brasileiro, o sufixo *-mento* junto ao significado *letra*, assim temos o “letramento”.

Soares (2019, p. 39) expõe, então, que “*aprender a ler e escrever* significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita”. Essa noção de letramento, centrada nas habilidades da leitura e da escrita, costuma ser o que se preconiza com relação à Língua Inglesa, objeto desta pesquisa, nas já citadas provas de proficiência para os programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Dada a especificidade do seu uso e o nível de escolarização daqueles que precisam comprovar a proficiência em Inglês, faz sentido que o letramento requerido repouse nas “práticas letradas particulares da cultura do próprio observador e da sua própria subcultura acadêmica [...] com sua ênfase, por exemplo, nos usos letrados do tipo “dissertativo” e da prosa “literária” (STREET, 2014, p. 89).

Porém, a própria Base Nacional Comum Curricular ao considerar a Língua Inglesa como língua franca e não como língua estrangeira já vislumbra uma

[...] ampliação da visão de letramento, ou melhor, dos multiletramentos, concebida também nas práticas sociais do mundo digital – no qual saber a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação – que aproximam e entrelaçam diferentes semioses e linguagens (verbal, visual, corporal, audiovisual), em um contínuo processo de significação contextualizado, dialógico e ideológico (BRASIL, 2017, p. 242).

Daí a importância da Cibercultura como epistemologia e sua bricolagem com os Estudos do Grupo de Nova Londres, que cunhou o termo “multiletramentos”, pois no digital em rede que a noção de hipertexto emerge, dando-se através dos “nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e por links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, botões‘ indicando a passagem de um nó a outro” (LÉVY, 1999, p. 56).

Se num primeiro momento da internet “o hipertexto digital trouxe de volta a linguagem verbal escrita, que ao longo do século XX tinha ficado em segundo plano com a proliferação de imagens projetadas nos cinemas, televisões e fotografias” (SANTOS, 2018, p. 92) a velocidade da conexão, o amplo acesso a smartphones e a popularização de micro vídeos em diversas redes sociais pouco a pouco podem restabelecer o que fora vivido ao longo do século passado.

A pesquisadora Roxane Rojo em entrevista, afirmou que “já não basta mais o letramento da letra: é preciso também saber ler e traduzir imagens e sons, articular imagens em movimento etc., porque assim são os textos contemporâneos” (ROJO, 2015, p. 330).

Portanto, o letramento acadêmico em língua inglesa consistia na apropriação não somente das habilidades necessárias para a proficiência no idioma, como também, do conhecimento tanto do estilo de escrita acadêmica quanto das novas formas de comunicar a pesquisa científica em diversas redes educativas e em diferentes mídias.

Assim, cientes do desafio, os mediadores passaram a propor os atos de currículo, noção de Roberto Sidnei Macedo que traz o seguinte conceito:

Os atos de currículo fazem parte da práxis formativa, trazem o sentido de não encerrar a formação num fenômeno exoterodeterminado pela mecânica curricular e suas palavras de ordem, por consequência, não vislumbram os formandos e outros atores/autores da formação como meros atendentes de demandas educacionais, tão pouco aplicadores de modelos e padrões pedagógicos (MACEDO, 2012, p. 72).

As proposições ocorriam em ambas as interfaces. Tanto no grupo do *WhatsApp* disponível para todos os praticantes culturais quanto no grupo reservado somente para os mediadores. Enquanto no primeiro, tudo ocorria de forma mais orgânica, no segundo, o espaço para pensar na intencionalidade de cada ato de currículo fazia parte de uma estratégia de refletir a prática da mediação antes, durante e depois.

Enquanto o grande grupo que participava do dispositivo constituía-se de forma bastante heterogênea quanto à formação de seus praticantes culturais (pedagogos, biólogos, professores de educação física...), o grupo de mediadores era formado somente pelas bolsistas de iniciação científica matriculadas no curso de Letras – Português/Inglês e pelo doutorando proponente da pesquisa também egresso do mesmo curso.

Com a intenção de fomentar a autonomia dos praticantes culturais no que tange ao uso de interfaces que funcionavam para fomentar a língua inglesa em diversos níveis, foram produzidos micro vídeos que indicavam as principais funcionalidades dessas interfaces, tais como de tradução, de revisão e até outras que “ensinavam” inglês.

Esses microvídeos circulavam primeiramente no grupo dos mediadores e, posteriormente, no grande grupo de todos os praticantes culturais. Toda a reverberação constituído produzido no campo de pesquisa e vai ao encontro do grande objetivo da Ciberpesquisa-Formação: pesquisar, formar e formar-se concomitantemente ao exercício da docência.

Os demais praticantes culturais sentiam-se confortáveis para compartilhar quaisquer conteúdos relacionados ao idioma e aos mediadores, como o próprio nome sugere, cabia a mediação a fim de manter o engajamento de todos durante o processo.

Apesar da participação ativa do planejamento e das proposições das atividades assíncronas no *WhatsApp*, as bolsistas e o doutorando, docentes em formação, por vezes se sentiam inseguros na mediação síncrona na interface de videoconferência devido à representatividade acadêmica dos demais praticantes culturais da pesquisa, que incluíam doutores com autoria relevante em suas áreas de atuação, mesmo não possuindo tanta proficiência em língua inglesa quanto os mediadores.

Se pensarmos nas epistemologias fundantes do método, essa experiência corrobora a multirreferencialidade, que em si não hierarquiza os conhecimentos e faz com que graduandos e doutores aprendam juntos produzindo conhecimento. Os estudos nos/dos/com os cotidianos propõem que os praticantes culturais promovam invenções para lidar com os dilemas da pesquisa e da docência. A Cibercultura, como campo epistemológico, propicia uma ativa reflexão sobre os fenômenos culturais do nosso tempo que influenciam desde a escolha das interfaces componentes do dispositivo até a curadoria dos atos de currículo propostos.

Conclusão

A Ciberpesquisa-formação constitui um potente arcabouço metodológico que pode viabilizar a professores de línguas de diversas redes e com diferentes objetivos a compreensão sobre a sua prática. O ciberespaço proporciona contextos de imersão na perspectiva da língua inglesa como língua franca, independentemente da finalidade do ensino. E a sua conseqüente indissociabilidade da cidade anuncia um caminho necessário para qualquer iniciativa educacional.

Assim como Nilda Alves preconiza que é preciso fazer, para saber. A Ciberpesquisa-formação, alicerçada no dispositivo como o principal instrumento deste método científico qualitativo, propõe um movimento docente que inicia na prática, busca a teoria para burilá-la, e retorna para a prática. Se considerarmos a idade das ciências da educação em detrimento de outros campos do conhecimento, devemos privilegiar ainda a empiria, pois ainda há muito o que se descobrir no campo de pesquisa ao analisar os fenômenos no momento em que acontecem sem hipóteses pré-determinadas.

E o movimento de democratização do acesso à ciência para o público em geral passa pelo acesso dos professores. Aqueles que promovem o primeiro contato dos alunos com o conhecimento comumente não refletem academicamente sobre a sua prática. E, por analogia, criar novas maneiras de ensinar inglês também culminam no mesmo objetivo.

Por fim e pelo começo, produzir micro vídeos, “pilotar” a sala de videoconferência com maestria a fim de maximizar o uso do tempo síncrono permitindo a participação efetiva de todos evitando lacunas que permitam que os praticantes surfem outras ondas na internet perdendo o engajamento, além de produzir atos de currículo em conjunto com os estudantes em virtude dos seus interesses constituem novas aptidões do professor de línguas contemporâneo na Cibercultura, o que na perspectiva dos multiletramentos, já fora previsto por Roxane Rojo quando afirma que o docente “não é mais o professor-expositor de conteúdos de sua disciplina em 50 minutos. Ele é um mediador da ação coletiva, colaborativa dos alunos” (ROJO, 2015, p. 338).

Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, R. S. Atos de currículo e formação: o príncipe provocado. *Revista Teias*, 13(27), p.67-74, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24252>. Acesso em: 18 dez. 2023.

ROJO, R.. Entrevista com Roxane Rojo, professora do Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP. VICENTINI, Luiza; ZANARDI, Juliene Kely. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p.329-339. Disponível em: <http://www.pglettras.uerj.br/palimpsesto/num21/entrevista/Palimpsesto21entrevista01.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

SANTAELLA, L. *Humanos Hiper-híbridos: linguagens e culturas na segunda era da Internet*. São Paulo. Paulus, 2021.

SANTOS, E. *Pesquisa-formação na Cibercultura*. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2014.

_____, E; CAPUTO S. *Diário de Pesquisa na Cibercultura: narrativas multirreferenciais com os cotidianos*. Rio de Janeiro: Omodê, 2018.

_____. *Pesquisa-formação na Cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019.

_____. *Formação de professores e pesquisadores no contexto da pandemia: possibilidades e limite*. Universidade Federal Fluminense. 1 vídeo (2h:34min02s). [Live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hdR3PED0kAY>. Acesso em 23.09.2020.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

STREET, B. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Recebido em: 31/12/2023.

Aceito em: 21/02/2024.